

A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

Augusto d'Aquino
RUA DOS CORREEIROS, 92
Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados
para a Importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, ASIAHAUS

HAMBURGO, 8

AGENTES EM : — Anvers—Havre — Paris—Londres—Liverpool—New-York

Embarques para as Colonias, Brazil, Estrangeiro, etc.

Telephone n.º 986.

End. tel. CARLASSEN—LISBOA



Carl Hardt



== Fabrica de Pianos == Stuttgart

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroê senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensa nas seguintes exposições:— Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **Casa Lambertini**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

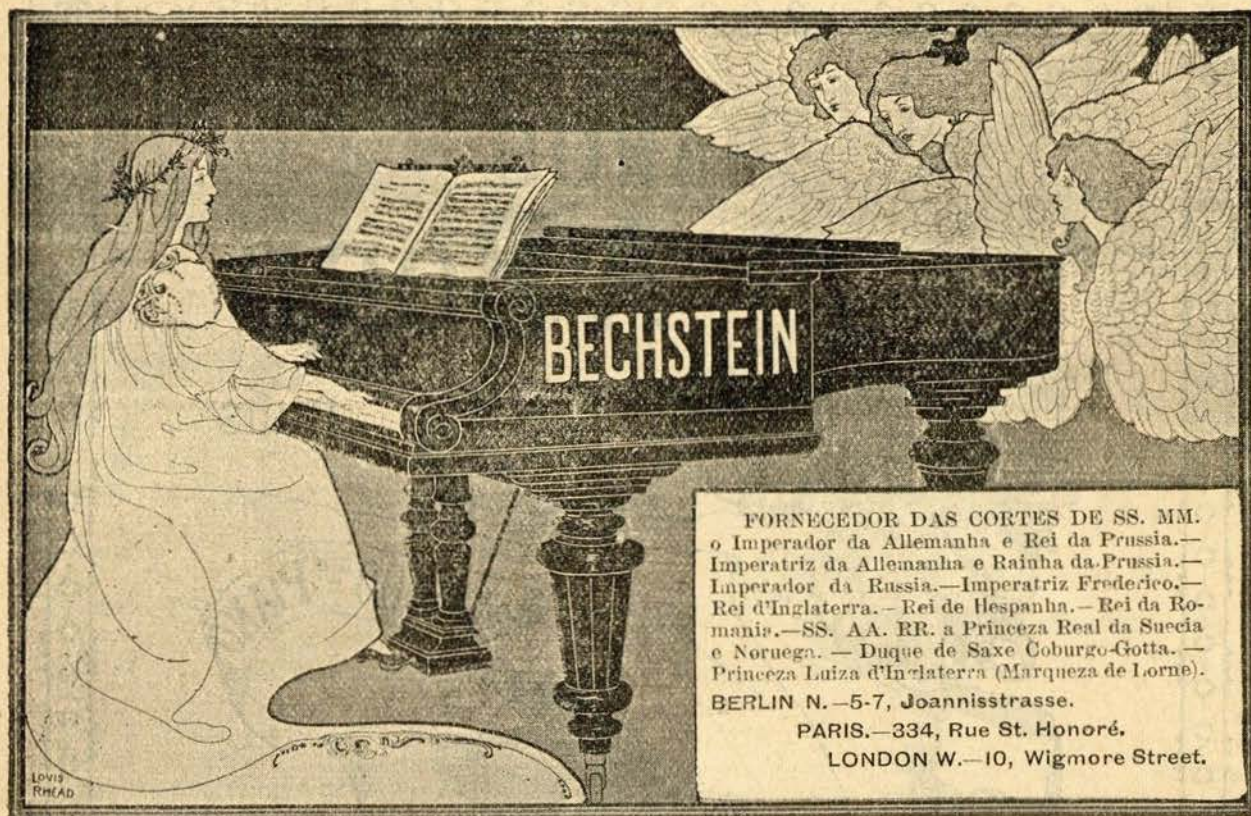


Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000
Produção até hoje	120:000

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury - Hors concours



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM.
o Imperador da Alemanha e Rei da Prussia.—
Imperatriz da Alemanha e Rainha da Prussia.—
Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—
Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Ro-
mania.—SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia
e Noruega. — Duque de Saxe Coburgo-Gotta. —
Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
BERLIN N.—5-7, Joannisstrasse.
PARIS.—334, Rue St. Honoré.
LONDON W.—10, Wigmore Street.

Representante e UNICO DEPOSITARIO dos
CELEBRES PIANOS **BECHSTEIN**
Casa Lambertini * Praça dos Restauradores

Musikalisches Wochenblatt

40.º anno

(Neue Zeitschrift für Musik)

40.º anno

DIRECTOR : LUDWIG FRANKENSTEIN — Leipzig

Assignatura — 13 francos por anno

Artigos, apreciações e criticas dos artistas e musicologos mais considerados.
Abundante informação. Correspondencias e noticias de todo o mundo. Orien-
tação distincta e progressiva.

Annuncios de professores, concertistas, collegios, fabricantes
de artigos musicas. Abatimentos por série de **annuncios**.

Livraria Oswald Mutze, LEIPZIG



Redacção e administração: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49 — Comp. e impresso na Typ. PINHEIRO, Rua Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARY: — Lucien Capet. — Curiosidades musicas. — A plethora dos concertos. — Noticiario. — Necrologia

Lucien Capet

N'esse envolucro severo de anacorêta ou de professor de latim está a alma mais luminosa e mais intensamente entusiastica que pode haver. Vibratil, piedoso, largamente instruído e pertinaz como poucos, Lucien Capet realisa nobremente o ideal do artista moderno, e personifica as aspirações mais subteis e mais requintadas da escola franceza, na sua forma actual.

Como violinista e como quartetista, no sentido diverso que queremos dar a estes dois termos, o notavel artista francez tem ganho n'estes ultimos annos um grande nome, não só em Paris, sua terra natal e seu principal centro d'actividade, mas em toda a parte onde se tem produzido ou como solista ou dirigindo o seu já famoso quarteto de cordas.

Nasceu Lucien Capet em 8 de janeiro de 1873. Entrando aos quinze annos para o Conservatorio na classe de Pierre Maurin, obteve em 1893 o primeiro premio de violino; dois annos depois estava contractado como solista na Orchestra Lamoureux.

Em 1900 offereciam-lhe o logar de pro-

fessor de violino no Conservatório de Bordeaux, onde se conservou durante tres annos. Mas ou porque o meio parecesse acaanhado ás suas aspirações ou porque os successos da capital o attrahissem invencivelmente, o certo é que em 1904 já o vemos definitivamente fixado em Paris e com o seu bello quarteto já em exercicio.



Começou então para Luciano Capet uma serie de triumphos, de que foram testemunhas não só as grandes sociedades musicas francezas, como a *Société des Concerts du Conservatoire*, Concertos Colonne, Lamoureux, etc., mas tambem as principaes salas de concertos da Inglaterra, Belgica, Hollanda, Alemanha, Suissa, Italia, Russia, e outros paizes, onde a sua interpretação das obras de Bach, Brahms e Beethoven ficou por assim dizer legendaria.

No meio das suas luctas e labores de concertista, o notavel mestre francez ainda tem encontrado tempo para se consagrar á composição. Citam-se entre outros productos da sua penna: — *Le rouet*, poema symphonico; *Salmo XXIII*, para solos, coros e orchestra; *Devant la mer*, para canto e orchestra; *Aria*, trio para violino, violeta e piano; *Prelude religieux* para orchestra; *Sonata em lá menor* para piano e violino, etc.

Curiosidades musicaes

(Continuado do numero antecedente)

XXIII

José Leal Moreira, mestre de musica em Peniche

Antonio Leal Moreira floresceu em um dos periodos aureos da musica portugueza, tornando-se notavel, já pelo ensino da sua arte no Seminario de Santarem, já como autor de diversas composições, em que deixou incontestaveis provas da sua não vulgar aptidão e talento. O sr. Ernesto Vieira, no seu *Diccionario*, faz delle lisongeiro apreço, enumerando as suas obras e varios factos da sua vida. Esta, porem, carece de ser estudada mais a fundo, pois ignoram-se algumas particularidades importantes, como a filiação, logar e data do nascimento.

Pela mesma epoca, aproximadamente, existia em Peniche um mestre de musica, que tinha os seus mesmos dois apelidos, José Leal Moreira, sujeito, do qual até agora ninguem se occupou, creio eu.

A afinidade do nome faz presupor a afinidade de familia, acrescendo de mais a mais a circumstancia de exercerem a mesma arte. Não seria o obscuro musico de Peniche pae ou parente do notavel compositor religioso e dramatico? Eis uma correlação que bem merece não perder-se de vista.

Direi agora como vim no conhecimento de José Leal Moreira. Foi uma petição dos moradores de Peniche que me informou do caso. Representaram elles á rainha D. Maria I, que desejando realisar as suas festas e solemnidades religiosas só a muito custo e com grande dispendio o podiam fazer, pois tinham que recorrer aos instrumentistas e cantores de fora da terra. Para acudir a este mal, que tanto magoava os seus sentimentos piedosos, e que se tinha agravado nos ultimos annos pela escassez das pescarias, que era o quasi exclusivo emprego da população, lembravam elles a conveniencia de se crear uma aula de musica, aproveitando a aptidão do mestre existente na villa, José Leal Moreira, ao qual, por instruir assim os meninos na sua arte, se daria o partido de cinquenta mil reis, tirados do cofre dos sobejos das sisas.

Consultadas as estações competentes, foram os pareceres favoraveis, limitando-se apenas a reduzir o ordenado a quarenta mil reis, por o julgarem sufficiente. D. Maria I aprovou e confirmou tudo isto, por uma

Provisão de 5 de dezembro de 1778, que é do teor seguinte :

D. Maria etc. Faço saber que havendo respeito a me representarem o Juiz de Fora Veriadores, e mais officiaes da Camara da Villa de Peniche que os moradores da dita Villa Regulados pela sua devoção e Piedade sempre costumavão condescendentes (*sic*) cultos festejar os oragos das suas freguezias, e mais Imagens milagrosas, que nella veneravão, fazendo todas as mais funções da quaresma com religiosa solemnidade e pompa, emquanto as suas posseblidades assim o permetião, mandando vir de fora para as ditas funções Musicos e Instrumentos por não haver na dita terra coisa alguma daquellas, para mayor Lustre das ditas festividades e funçãoz Quaresmais; porem como aquelle Povo quasi todo se compunha de gente Maritima a quem de muitos annos a esta parte faltavão as pescarias e consequentemente a sua subsistencia; e porisso se tinhão na devoção e Culto por falta de meys com que podem satisfazer as despezas das ditas festividades, pelo que respeitava á musica que por vir de fóra pela não haver na terra se lhes pagavão preços exorbitantes, lembrando-se que so havendo naquella terra hum mestre de musica, que naquella arte podem instruir os meninos pois em poucos annos lhes ficaria assim mais facil o podem continuar com suas Pias e bem fundadas festevidades, sendo-lhes menos custosas as musicas, havendo-as naquella Villa, que vindo de fora della. Pedindo-me lhe fizesse mercê permitir que do cofre dos sobejos das Sizas se desse annualmente o partido de cinquenta mil reis a pessoa perita que houvesse de Insinar musica naquella Villa, E visto o que allegou e informações que se houve pelo Bacharel Joaquim Xavier Morato Boroa, tendo ouvido, digo, sendo Corregedor da Comarca de Leiria, pelas quaes constou ser bastante o partido de quarenta mil reis por anno, e ouvindo a Nobreza e Povo da dita Vila de Peniche que não teverão duvida como tambem a não teve o Procurador de minha Real Coroa a quem se deo vista. Hey por bem aprovar, como com effeito aprovo e hey por aprovada, a nomeação que os Supplicantes fizerão em José Leal Moreira, mestre da musica da dita Villa, com o Partido de quarenta mil reis em cada hum anno pagos pelo cofre dos Sobejos das Sizas da mesma Villa, havendo-os, ficando o dito mestre da musica obrizado a ensinar de graça os moradores da referida Villa. E esta Provisão se cumprirá como n'ella se contem e valerá posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno sem embargo da ordena-

ção em contrario e se registará nos Livros da Camara da dita Villa para a todo o tempo constar que Eu assim o houve por bem. De que pagou de Novos Direitos vinte mil reis que se carregarão ao thesoureiro delles no L.^o 4.^o de sua Receita a fs. 105 e se registou o seu conhecimento em forma no Livro 34 de Registo geral a fs. 102 v.^o A Rainha Nossa Senhora o mandou pellos menistros abaixo assignados do seu Conselho e seus Dezembargadores do Paço. Thomé Lourenço de Carvalho a fez em Lisboa a 5 de Dezembro de 1778 annos. Desta 800 reis e de assignar 800 reis «Antonin Pedro Vergolino a fez escrever» João de Oliveira Leite de Barros «Pedro Viegas de Novais» Per despacho do Dezembargo do Paço de 11 de maio de 1775, e 19 de Dezembro de 1778 Antonio Freire de Andrade Enserrabodes» Pagou 800 reis, e aos officiaes 928 reis, Lisboa 17 de Dezembro de 1778 — Dom Sebastião Maldonado = Jeronimo José Correia de Moura ¹

XXIX

Antonio da Fonseca, compositor e mestre da Capella do Conventode S. Bento de Aviz

N'este artigo e nos dois subsequentes occupar-me-hei de quatro musicos que exerceram a sua profissão na Ordem de S. Bento d'Aviz. Como tivessem costella mecanica, foi necessario que a munificencia regia os absolvesse desta falta, para poderem ser admitidos. Consultada sobre o caso a Mesa da Consciencia e Ordens, o seu parecer foi lhes favoravel.

Principiarei por Antonio da Fonseca, não só por ser o mais antigo, como tambem por ser dotado de não vulgar pericia na sua arte. Era mestre de solfa, contrapontista e, na opinião de pessoas entendidas, homem de genio e talento. Os seus creditos de compositor baseavam-se em numerosas produções, que não chegaram até nossos dias, tendo-se talvez extraviado, ou jazendo completamente ignoradas ahi para algum canto obscuro. Tambem não me consta que a ellas se tenha feito referencia em qualquer tempo.

Tendo ido ao convento d'Aviz para celebrar o oitavario da festa do Senhor, houve-se de tal modo, que mereceu os gabos de todos e o prior-mor, que então era, D. frei João Soares de Figueiroa, o aceitou para mestre da capella. Por morte de Figueiroa,

a nomeação teve seus embaraços, mas o subprior concordou com a escolha, e tratou-se desde logo de remover os obstaculos que provinham sobre tudo da mecanica ou falta de nobreza do pretendente. A mesa da Consciencia e Ordens, em consulta de 10 de maio de 1684, intendeu que não havia inconveniente em Antonio da Fonseca ser admitido, como freire, pois disso era digno pelas suas qualidades pessoas e merecimento artistico. Com este parecer se conformou el-rei.

Antonio da Fonseca, natural de Lisboa, era filho do capitão Manuel da Fonseca, já defunto, e de Margarida Nunes, moradora na rua direita de Nossa Senhora dos Remedios, freguezia de Santo Estevão de Alfama.

Em outra parte, porém, se diz que seu pae fora primeiramente pescador, que depois fizera algumas viagens á India e que por ultimo exercera o officio de cerieiro. O alvará confirmando a consulta e dispensando Antonio da Fonseca na falta de nobreza tem a data de 10 de junho de 1684 e achase registado no Livro 17 da chancelaria da Ordem d'Aviz a fl. 379.

Eis agora a Consulta aludida :

Senhor — Fes petição neste Tribunal da Menza da Consciencia, e ordens, Antonio da Fonseca, mestre e compositor de solfa, em que diz ser natural desta cidade de Lisboa, Filho do cappitão Manoel da Fonseca já defunto e de sua molher Margarida Nunes moradora na Rua direita de Nossa Senhora dos Remedios, Freguezia de Santo Estevão de Alfama que por Ordem do Reverendo Prior Mor do Convento de Aviz Dom Frey João Soares de Figueiroa foy ao dito convento assestir a festa do outtauario do Senhor e pello luzimento com que fes algumas obras de compustura de muzica e pella falta que no ditto Convento ha de Mestre da Capella e que possa ensinar canto aos Freyres se ofereceo o supplicante ao dito Reverendo Prior Mor para hir assistir nelle em hum logar de Freyre; e com effeito lhe aceytou a oferta, e logo lhe mandou tirar suas habilitações, e tem por noticia estão approuadas e o suplicante aceyto para Freyre do dito conuento na forma das diffinições da Ordem; e porque succedeo fallecer o Reverendo Prior mor e o Reverendo superior que actualmente está gouernando o dito Conuento dis nao poder receber ao suplicante o lugar de Freyre sem ordem de Vossa Magestade.

Pede a Vossa Magestade que hauendoconsideração ao referido e á falta que ha no Convento de Mestre e ter o suplicante dis-

¹ Torre do Tombo — Chancelaria de D. Maria I — Livro XIII — fl. 115 — v.

pendido perto de dezasete mil reis nas suas diligencias e ser hum moço orphão pobre, e de bom procedimento lhe faça Vossa Magestade merce mandar ao dito Reverendo Superior do Convento de Avis o admita ao lugar de Freyre e Mestre de Cappella do dito Convento, visto o direito que tem adquirido pella promessa do Prellado defunto, e approvação da communidade.

Mandouçe informar ao superior do Convento de Avis, o que fes dizendo que he verdade tudo o que o supplicante alega na dita petição porquanto o Reuerendo Prior Mor Dom Frey João Soares de Figueiroa o mandou hir ao Conuento para ser visto e examinado aonde assistio todo o oitavario do Corpo de Deos e dito por homens da sua arte que bem o entendem se achou ter genio, e talento para Mestre da capella.

A vista do que o Reverendo Prior mor o aceitou prometendo-lhe hum lugar e mandou tirar inquirições as quaes se lerão em cappitulo e forão approuadas em tal condição e suposição que V. Magestade lhe fará mercê de o dispensar na mecanica que se lhe achou por quanto seu Pay teue e em seus principios uzou o officio de pescador, e ao depois fez algumas viagens á India, e finalmente exercitou o officio de cerieiro, e assim lhe parecia que Vossa Magestade lhe deve fazer a merce que pede, hauendo por bem, de o dispençar nas ditas mecanicas na forma das definições da Ordem, aduertindo que sendo grande a merce que faz ao suplicante he muito mais consideravel a que faz ao convento pella falta que tem de semelhante sujeito para o culto divino. Com a declaração que estão dous logares vagos um reservado para Luis Graces Palha e outro para o supplicante quando V. Magestade lhe faça merce.

E sendo examinado, foy achado ser compozitor e contrapontista, e uer o examinador muitas obras suas de muzica de boa conta com que lhe pareceo muito capas de exercitar o posto de mestre da cappella em qualquer parte. — O que visto — Parece a Meza que Vossa Magestade deve ser servido despençar com o supplicante nas macanicas para entrar no Convento commiseracão (*sic*) no lugar de mestre da cappella, pella falta que o Convento tem, e elle ser perito na arte e uista a informação que delle deu o supprior do convento de Avis. Lisboa 10 de Mayo de 684. — *O Monteiro-Mor — Martim Monteiro Paim — Ruy de Moura Telles — Luiz de Oliveira da Costa.*

Como parece Lisboa 29 de mayo de 684 — Rubrica de D. Pedro II.

Mesa da Consciencia e Ordens, Liu. 103, sem folhas numeradas.

Sousa VITERBO.

A PLETHORA DOS CONCERTOS

Estamos em crêr que, em materia de musica, ainda haverá entre nós uma duzia de entes, talvez mesmo duas duzias, que possam gabar-se de têr o juizo no seu lugar. E' em todo o caso uma minoria e uma magra minoria, isto sem desdouro para a maior parte das pessoas que entre nós se encarregaram de orientar *artisticamente* o nosso publico ou tão sómente se propõem a tirar partido (?!) da lamentavel ignorancia musical d'esse mesmo publico, pois essas poderiam honestamente empregar a sua energia em outros misteres, onde por ventura não fizessem tanto damno, e onde certamente encontrariam terreno largo para mais bem succedidas explorações.

E é áquella esqueletica minoria que nos dirigimos, com umas tantas affirmacões, que, se estão no espirito de muitos, não conseguem, por negligencia ou por medo, exteriorisar-se em uma desapaixonada mas sincera publicidade.

Hão de dizer-nos, os magoados, que o nosso caracter difficil, atrabiliario, etc. etc., é que nos faz ver tudo em negro—que se não póde ser tão exigente—e que *isto* afinal, por ser paiz pequeno, vae positivamente em maré de rosas.

Ora o que é certo é que de ha uns annos para cá, o concerto em Lisboa é um verdadeiro *desconcerto*: podemos mesmo avançar que, salvo honrosas excepções, como costuma dizer-se, é uma verdadeira vergonha.

Mas vamos por partes e methodisemos. O concerto lisbonense divide-se em tres categorias capitaes: o concerto de vistas exclusivamente artisticas (apezar do adverbio, entram n'esta categoria os que só servem para satisfação de vaidades, mais ou menos legitimas); o concerto de caridade, que tem duas subdivisões interessantes — os beneficios annuaes dos artistas e das instituições (ás vezes são semestraes) e os saraus aristocraticos, obrigados a poesia e gymnastica; e finalmente as chamadas audições de alumnos, nas quaes com um pouco de boa vontade, se podem englobar as apresentações de aspirantes a concertistas e todas as exhibições gratuitas de musicos mais ou menos avariados.

Encaremos corajosamente a primeira secção. No concerto com pretensões a artistico, e são realmente os mais raros entre nós, parece que a primeira preocupação de quem o organisa deveria ser a educação do publico. Bem pouco se deve ter feito n'esse sentido, porque o vemos cada vez mais... mal

educado. Compreende-se. Essas exhibições, apesar dos apparentes propositos artisticos, teem geralmente outros intuitos escondidos, avultando entre elles o desejo de *figurar* e a necessidade de realisar um provento financeiro. Acorrentado a essa dupla dependencia, o artista abdica dos seus direitos sobre o publico e submete-se a toda a casta de imposições, de gosto o mais discutivel, comtanto que consiga os seus fins. A *arte pela arte*, sem concessões nem baixesas, é uma cousa rara em Portugal e, quasi sempre mal agradecida; mas tem-se feito, e quando não houvessemos de citar mais que a valiosa tentativa de Colaço e Hussla no campo da musica de camara, ha annos, bastaria para provar-se que nos não tem faltado os bons orientadores, quando se dispõem a trabalhar desinteressadamente pelo bem de todos. O peor é que esses pionneiros da bôa arte nos vão escasseiando de dia para dia, afogados no *mare magnum* da indifferença, da inveja, da concorrência insensata e da estupidez do meio ambiente.

Na segunda categoria de concertos, os d'intuitos puramente especulativos, vemos nós, talvez sem motivo, a mais ruinosa e desastrosa manifestação d'actividade musical da nossa terra. A caridade é uma bella virtude, mas parece que cada um de nós devia pratical'a, consoante as suas forças e vontade, com o sacrificio da propria bolsa e não com a dos outros. Abstrahindo porem d'essa immoralidade de principio, que o uso tem lamentavelmente sancionado, temos de reflectir nos graves perjuizos que adveem, para a bôa arte e para os bons artistas, da vulgarisação desenfreada d'essas emprezas de caridade e especulação.

Os artistas inglezes, como esta revista já noticiou ha tempos, foram os primeiros a vêr claro n'este assumpto. Recusando collectivamente o seu concurso n'esse genero d'exhibições, a maior parte das vezes anti-artisticas e ridiculas, não procedem sómente *pro domo sua* e no intuito, commodista mas desculpavel, de se evadirem a um trabalho não remunerado e nem sempre agradecido: pensam, e com toda a sensatez, que a grande arte sae sempre mal ferida d'esses certamens de pura ostentação e estrondo, imaginados, sobretudo para sugar o bolso dos incautos.

Como já o dissemos, a caridade, condimentada com cantatas e gorgeios, é, por via de regra, um pretexto para fazer passar e até animar mediocridades, em prejuizo dos que valem; deseduca e desnorteia o publico, afastando-o, aborrecido, das manifestações d'arte séria.

Quando porém o concerto de caridade,

como tem succedido ultimamente no nosso paiz, toma fóros de verdadeira praga, torna-se urgente investigar-lhe as causas e, quanto possivel, impôr-lhe uma repressão energica.

Está averiguado que, se a miseria no nosso paiz é grande, a corrente de caridade e o desejo de fazer bem não conhece limites, e isso mercê do enorme fundo de bondade, que caracteriza a alma nacional.

E' bem necessaria a intervenção da musica para engrossar essa corrente caritativa? Affigura-se-nos que não. Affigura-se-nos mesmo que, na grande maioria dos casos, a questão caridade entra no concerto como um simples accessorio ornamental, tendente a attrahir sympathias, a conciliar benevolencias e a chamar uma concorrência de ouvintes, que aliás se não mostram geralmente apressados. A caridade é pois um pretexto, uma falsidade, um *guet-apens*, que toma fóros de fraude, porque não é sincera nem conscienciosa e porque visa principalmente a beneficiar entidades, de duvidoso valor, que não encontrariam outro modo de produzir-se nem outra probabilidade de fazer-se acceitar.

Dado que os nossos bons artistas não teem por ora os escrúpulos dos seus collegas inglezes, aproveitem-se embora esses para as taes festas de caridade; mas, por amor de Deus, livrem-nos dos concertos de pacotilha, que sob um falso rotulo de piedade e d'altruismo, só miram ao enaltecimento dos insignificantes e á satisfação de pretensões disparatadas.

Sob este ultimo ponto de vista, merecem igual ostracismo os concertos de graça. Se os outros especulam sobre o mais nobre dos sentimentos humanos, a caridade, estes não hesitam em especular sobre uma fraqueza corrente, qual é a de gosar um espectáculo sem o encargo do correlativo dispendio.

Aqui, a benevolencia publica está de ante-mão conquistada, por muito ordinario e reles que seja o espectáculo offerecido. Frequentadas pela parte menos culta do publico, contando no seu auditorio uma grande maioria de individuos que andam systematicamente afastados das salas de concertos remunerados, estas audições só se podem considerar geralmente como fócos de infecção artistica, que os mais elementares principios d'hygiene deviam combater sem transigencia. Porque na defeituosa receptividade esthetica d'esse publico *sui generis*, está o melhor caminho para vehicular o microbio...

Uma das formas particulares e mais daminhas do concerto gratuito é, como dissemos, o concerto de alumnos, prag a que va

tomando entre nós as mesmas proporções assustadoras do concerto de caridade.

Antigamente, só dois ou tres mestres, de reconhecida competencia, é que se abalçavam a apresentar alumnos em audições publicas, e só quando esses alumnos attingiam um determinado grau de adiantamento.

Mas o progresso ha-de servir para alguma cousa e n'um paiz tão eminentemente progressivo em assumptos d'arte, como este, bem mal avisados andariamos se nos não propussemos, todos, a apresentar alumnos, muitos alumnos, quanto mais melhor.

O resultado tem-se visto. Um grande numero d'essas innocentes sessões são o documento mais concludente da absoluta incompetencia de quem as promove e a comediasinha, amorosamente preparada para um proficuo reclamo, descamba não raro em scena tragico-comica, em que o menos que se perde é o credito do ensaiador. Depois, para as pobres victimas dest'outra forma de especulação, que são os proprios alumnos ou pelo menos aquelles que tem um vislumbre de consciencia da propria mediania, vem o irresistivel desanimo, o medo d'outras provas, a desconfiança de si proprios. E para alguns tambem, o convencimento, mais fatal ainda, da sinceridade do applauso.

A plethora dos concertos é um caso morbido de mau character e de remedio tão complicado como moroso. Não é facil investigar-lhe as causas. Opinam uns que se origina essa especie de plethora na excessiva produção d'elementos cantantes e tocantes, derivados da nossa escola official, e brotando como tortulhos n'uma assustadora progressão crescente. Pode muito bem sêr. E a restricção no alistamento dos alumnos, em que aqui se tem fallado tanto, seria o palliativo naturalmente indicado.

O peor é que ninguem quer ouvir fallar n'esse palliativo, havendo até quem para o caso invoque os sagrados principios da liberdade de trabalho, como se houvesse perigo em coarctar a liberdade de fazer asneiras e de atormentar o resto da humanidade!

Outros pensam que a critica louvaminheira, ou simplesmente incolôr, tem graves culpas no cartorio. Pode tambem sêr.

Em todo o caso o que é essencial é que nos convençamos de que ha abuso, e de que o proprio publico já começa a castigal'o com a mais significativa das deserções. Sem querermos sêr propheta d'infortunio, parece-nos que, por este andar, esse bom publico acaba por fugir das salas de concerto, como... o diabo da cruz.

L.



Em 19 d'este mez partiu com destino a Bruxellas a talentosa violinista portuense, sr.^a D. Ophelia d'Oliveira. Consta-nos que vae concluir os seus estudos n'aquelle grande meio artistico, sob a direcção de Chaumont e Ysaye.

*

Pensionado por um distincto amator allemão, aqui residente ha muitos annos, partiu para Berlim o talentoso compositor e pianista Ruy Coelho.

*

Está de novo entre nós o tenor Julio Camara, que deve fazer parte durante o inverno da companhia de opereta do theatro da Trindade.

*

N'um concerto effectuado em Munich, 22, e conforme programma que temos á vista, executou o nosso Vianna da Motta a *Sonata* (op. 58) de Chopin, duas peças d'orgão de Bach, transcriptas por Busoni, tres estudos de Liszt, os *Estudos Symphonicos* de Schumann, e a *Marcha* de Schubert-I iszt.

*

O escolhido repertorio de edições da casa Lambertini vae ser acrescido com uma deliciosa valsa do sr. D. Luiz de la Cruz Quezada. Já temos aqui alludido por vezes a este artista novo, mas cheio de talento, cujas apresentações como pianista tem sido acolhidas com exito bastante lisongeiro.

Temos esperanza de que a sua estreia de compositor, pois que a sua valsa *Dóce Visão* é effectivamente uma estreia, corresponderá plenamente á sympathia que o joven artista tem sabido inspirar.

*

Já foi distribuido o elenco impresso das representações lyricas do theatro S. Carlos, a partir do proximo dia 15 de novembro até 22 de março do proximo anno. Não differe sensivelmente do que já ha mezes aqui publicamos.

*

Foi aberto concurso para preenchimento de uma vaga de pensionista do Estado no estrangeiro, na classe de piano do Conservatorio.

*

No brilhante diario portuense, *O Primeiro de Janeiro*, depara-se-nos um bello e sensato artigo de Augusto de Mello, a proposito da proxima reconstrucção do theatro de S. João e das condições a que deve obedecer o plano, sobretudo no tocante ás accommodações e conforto para as classes populares.

As considerações do illustre actor portuquez, cuja auctoridade e conhecimento do assumpto ninguem poderá contestar, devem ser seriamente meditadas, para que se não caia no erro, bem vulgar entre nós, de fazer um theatro só para gente rica, e tel-o a maior parte das vezes... ás moscas.

*

O Conservatorio Real de Lisboa deu na segunda feira passada a sua festa annual para distribuição de premios e subsidios aos alumnos, com a assistencia do director geral d'instrucção publica, sr. Agostinho de Campos, do inspector do Conservatorio, sr. Schwalbach, e de quasi todo o corpo decente do estabelecimento.

Foram entregues os diplomas de premio aos alumnos: — Emma Guedes Benard (3.º premio em violino), Lydia Brandão (1.º accessit em violoncello), Flaviano Rodrigues (1.º accessit em violino e harmonia) e Judith Leiria (2.º accessit em piano), seguindo-se a distribuição dos subsidios a 43 alumnos de varias aulas.

Por motivo de ausencia da capital, não nos foi possivel assistir á sessão musical e dramatica que completava a festa, e que começando depois das 10 horas só poude ser terminada em hora extremamente adiantada. Consta-nos comtudo que tanto os alumnos solistas (violino, violoncello, piano e canto), como os grupos coraes e orchestraes sob a respectiva direcção de Guilherme Ribeiro e Freitas Gazul, se desempenharam muito satisfatoriamente do seu proposito, logrando fartos e repetidos applausos.

Foram tambem ouvidos com extremo agrado e sympathia os fragmentos de Gil Vicente, recitados pelos alumnos mais adiantados das classes de Arte Dramatica.

*

Muito nos apraz registrar o exito de curiosidade e de interesse que assignalou a

conferencia do professor Matta Junior, realisada, como annunciamos, no dia 17 d'este mez e no salão da *Illustração Portuguesa*, perante uma assistencia selecta e attenta.

Apraz-nos sobretudo constatar que algumas das mais luminosas individualidades da nossa musica se não dedignaram apoiar, com os seus applausos e com os seus escriptos, a invenção do nosso illustre compatriota. Não pôde ser mais asado o momento para esse acto de solidariedade e parece-nos que, antes de discutirmos os prós e os contras do systema e a sua maior ou menor viabilidade no campo da pratica, importa que nos unamos todos no sentido de reivindicar para um portuquez a prioridade da ideia, dado que a invenção já está correndo mundo com rotulo estrangeiro.

Accentuemos bem que, desde 1883, tem o professor Matta Junior a sua patente e respectiva certidão do Ministerio das Obras Publicas. A Camara Municipal, tambem agora, por proposta do sr. Agostinho Fortes, fez exarar nas suas actas, e em favor do diligente artista, uma declaração de prioridade no invento dos teclados chromaticos. Pena é que nos *bureaux* estrangeiros se não possa fazer identica declaração.

Pensem n'isso os amigos de Matta Junior, pois se o conseguirem, terão prestado ao illustre inventor e ao nosso nome artistico, um incontestavel serviço, de possiveis vantagens futuras para todos nós.

*

Teve o maior luzimento, ao que nos dizem, a festa realisada no parque Gandarinha, Cascaes, em 24 do corrente, sob o patrocínio de S. A. R. o sr. D. Affonso.

Os coros de homens, senhoras e crianças, sob a direcção de D. Luiz da Cunha e Menezes, e baseados, quasi todos, em cantos populares do Alemtejo, tiveram um exito que excedeu toda a expectativa. O illustre amator-artista foi muito victoriado, pela unidade, afinação e colorido que conseguiu dos seus grupos coraes, havendo intenção, como nos consta, de repetir no theatro de Cascaes a audição integral de todos os trechos.

ESTRANGEIRO

Os editores inglezes Chappell & C.ª offercem 50 libras por uma cantata, que tenha a maxima duração de 45 minutos. Poderá ser de estylo muito moderno, mas sem deixar de ser melodica.

Os manuscriptos serão recebidos até 1 de fevereiro do anno proximo.

*

Para honrar a memoria de Sarasate, fez construir nos jardins da Villa Navarra (Biarritz) a sua actual proprietaria, a pianista Bertha Marx Goldsmith, um magnifico salão de concertos, a que deu o nome do glorioso extinto.

Bertha Marx era, como se sabe, a acompanhadora predilecta do insigne artista e com elle esteve em Lisboa, quando aqui o ouvimos pela ultima vez em, 1896.

*

Uma das commemorações jubilares mais interessantes, que estão em projecto, é a que tencionam celebrar em Londres em honra de Adelina Patti.

Estreiou-se a famosa cantôra a 24 de novembro de 1859, em Nova York, com a *Lucia de Lamermoor*. E' pois a 24 do proximo mez que essa festa se realisa — talvez um pretexto para exhibir mais uma vez a decrépita diva.

*

Temos á vista os programmas dos bellos concertos symphonicos realizados no Casino de San Sebastian pela orchestra hespanhola, que Fernandes Arbós tão proficientemente dirige.

Entre as obras ultimamente executadas contam-se a *Symphonia Escocesa* de Mendelssohn, *Jeunesse d'Hercule* de Saint-Saëns, *Schéherazade* de Rimsky-Korsakow, *Quinta Symphonia* de Tschalkowski, *Prélude à l'après-midi d'un faune* de Debussy, *Oitava Symphonia* de Beethoven, muitos numeros de Wagner, etc. Pela simples inspecção d'esses programmas se vê que na linda praia hespanhola não ha o receio, que alguém já manifestou entre nós, de *desmoralisar* o publico e os artistas com a execução das obras celebres!



Temos hoje a deplorar a morte d'um dos mais distinctos musicos açorianos, o sr. José Candido Bettencourt Furtado, valioso pianista e organista, que se encontrava entre nós ha mezes no exercicio do professorado musical, e que tanto em Lisboa como no Fayal contava numerosos admiradores do seu character e da sua aptidão artistica.

Nascera Bettencourt Furtado em 1847, no

Fayal, e era filho de João José Furtado, que foi tambem um musico distincto e possuidor d'uma linda voz, que causava o assombro de quantos a ouviam. Pelo proprio esforço e talento venceu José Candido as difficuldades da sua aprendizagem musical, tão cheia de contingencias como se pode suppor que seja no deficiente e mesquinho meio artistico dos Açores. Mas a boa vontade faz prodigios. Ainda novo, pretendeu o logar de organista da Sé de Angra e conquistou-o brilhantemente por concurso, desempenhando-o durante um largo periodo



de tempo com extrema distincção. Fundou tambem uma orchestra, que foi indubitavelmente a melhor dos Açores. Depois, imaginou ir para a America do Norte e ahi é que teve talvez os dias mais felizes e gloriosos da sua vida. Foi nomeado organista da egreja portugueza

de New Bedford e o seu nome, quer como concertista, quer como mestre, foi muito conhecido e apreciado.

Alem de musico, José Furtado era um *sportsman* dedicado e audacioso; os seus barcos de recreio e as suas partidas de caça ficaram legendarias na Ilha. Foi tambem administrador do concelho, no Fayal, cargo que desempenhou zelosamente e com elogio geral.

Mas o que definitivamente consagra a memoria d'este sympathico artista é o seu character do mais puro quilate, os seus numerosos actos de desinteresse e de altruismo, a generosidade verdadeiramente fidalga que sabia pôr em todos os seus actos e que, dizem, concorreu grandemente para a perda da maior parte dos seus haveres pessoais.

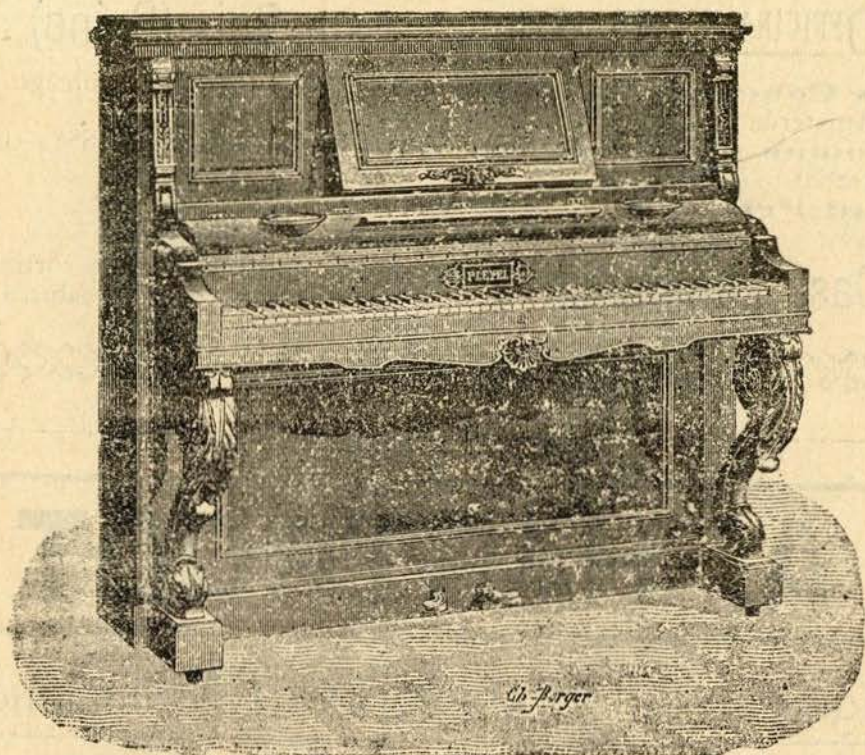
Dizem tambem que Bettencourt Furtado, em vez de succumbir aos estragos de uma doença, como os jornaes noticiaram, se deitara ao mar de bordo do navio que o levava novamente á sua querida Ilha.

Seja como fôr, o que é certo é que todos deploramos a perda do prestimoso e bom artista.

Falleceram tambem os srs. Antonio Lapierre Dodoni, compositor italiano domiciliado no Porto, e João Maria, musico de 1.^a classe da Armada.

Pleyel Wolff Lyon & C.^{ie}

Grande fabrica de pianos e harpas
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(Systema Lyon privilegiado)

* PIANO DUPLO PLEYEL *

(Systema Lyon privilegiado)

Inventor: — ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

Presidente do Jury (classe 17) da exposição de Paris — 1900

GAVEAU Grande Fabrica DE PIANOS

SÉDE SOCIAL: 45 e 47, Rua La Boetie - PARIS

OFFICINA MODELO: Fontenay-sur-Bois (Seine)

Hors Concours: Barcelona (1888) — Moscow (1891) — Chicago (1893) — Amsterdam (1895) — Paris (1900).

Diplomas d'Honra: Amsterdam (1883) — Antuerpia (1885) — Bruxellas (1888)

Grand Prix: Hanoi (1893) — Liège (1905).

Na Casa Lambertini encontra-se sempre um variado sortimento de
✕ ✕ pianos d'esta reputada fabrica ✕ ✕

* A. HARTRODT *

Agencia de Transportes Internacionaes

Despachos e Seguros Maritimos

CASAS PRINCIPAES: **HAMBURGO e LONDRES**

Succursaes: ANVERS (Antuerpia), BREMEN, LIVERPOOL, GENOVA, GOTHENBURGO, LEIPZIG e LUBECK

Recommenda aos importadores portuguezes os seus serviços d'expedições em grupagem, para Lisboa, Porto, Madeira, Ilhas e Colonias portuguezas, de qualquer dos portos acima. — Todas as informações relativas a serviços de transportes, despachos e seguros, seja para importação ou para exportação de mercadorias, são promptamente fornecidas o quem as sollicitar ao seu agente em Portugal:

JOSÉ ANTONIO MARTINS

Rua do Crucifixo, 8, 2.º — LISBOA

Lambertini

REPRESENTANTE

DOS
Editores Francezes

Edições economicas de Ricordi,
Peters, Breitkopf, Litolf, Stein-
gräber, etc.

Partituras
de Operas
antigas e modernas
para piano e para canto

Leitura Musical
POR ASSIGNATURA
500 réis mensaes
(Peçam-se catalogos)

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ
DE
Superior Qualidade



BERLIM CAROL OTTO BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação de ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante—Boa sonoridade—Afinação segura—Construcção solida

BERLIM CAROL OTTO BERLIM

Professores de musica

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 56, 1.º E</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas 32, PORTO</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Rua do Monte Olivete, 2, C, 2.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º E.</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa se na casa LAMBERTINI</i>
Elisabeth Von Stein , professora de violoncello, <i>R. S. Sebastião das Taipas, 75, 3.º D.</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, 232, A</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>Costa do Castello, 46.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal de Mello, 131, 2.º D.</i>
Joaquim A. Martins Junior , prof. de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moimho de Vento, 17, 2.º</i>
Julietta Hirsch Penha , profes.ª de canto, <i>T. Santa Quiteria, rua Particular, 5, 1.º</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.</i>
M.me Sanguinetti , professora de canto, <i>R. da Penha de França, 4, 3.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua D. Carlos I, 144, 3.º</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i>

A ARTE MUSICAL

Preço por assignatura semestral
Pagamento adiantado

Em Portugal e Colonias	1\$200 réis
No Brazil (moeda forte).	1\$800 »
Estrangeiro	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49 - Lisboa